

CONTEMPORÂNEA – Em Junho de 1922, quinze dias após o lançamento, em Lisboa, do primeiro número da *Contemporânea*, José Pacheco (1885-1934), seu director, em entrevista ao *Diário de Lisboa*, comentava a receptividade do público: «Eu não tenho grande confiança nem consideração pelo público de arte português. Além disso cá não está criado público de revistas, a não ser das outras que metem pernas. Um insucesso, artisticamente, não me feria nada.»¹

É fácil retirar da resposta de JP algumas ilações sobre a natureza da publicação e sobre a posição dos seus promotores face ao estado das artes em Portugal. O distanciamento e a desconfiança aludidos têm provavelmente subjacente todas as outras experiências incompreendidas em que JP se havia envolvido empenhadamente. E, de entre elas, a tentativa, sete anos antes, de editar a *Contemporânea*, através de um «**Numero Specimen**». Corria então o ano de **1915** e a certeza da Guerra trazia de regresso numerosos artistas que, vindos de Paris, ambicionavam recrear em Lisboa o ambiente artístico que tinham deixado.

Em Maio, depois do escândalo provocado pelo modernismo gráfico e literário do primeiro número da revista *Orpheu*, JP e «um punhado de artistas moços» – João Correia d'Oliveira, Director Literário; Eduardo Costa, Editor; os autores de artigos António Sardinha, Agostinho de Campos, Hipolyto Rapozo; Vasco de Carvalho, Maria Amália Vaz de Carvalho, Alfredo Guimarães, Teixeira de Queiroz, Justino Montalvão, Carlos Franco e Albertina Paraíso; o autor de composições, Jorge Barradas – propõem-se «encarnar uma inspiração de Arte e de Elegância» que vai «ao encontro de uma necessidade comum – mais: de uma exigência social», sobretudo daquelas «curiosidades cultas, cuja sede adivinha e com cujo agrado conta».

Apesar das cautelas artísticas observadas pela *Contemporânea*, que se depreendem do tom diplomático das palavras de JP, o projecto abortou. De facto, mesmo as elites que JP julgava sequiosas de novidades, de modernismos, não estavam preparadas para tanto arrojo. Não admira por isso a crueza das suas palavras quando se refere ao público na entrevista ao *Diário de Lisboa*. E o panorama, em 1922, pouco se havia alterado, como se depreende dos comentários com que a crítica recebeu o primeiro número da publicação ressuscitada: «Olhe: houve jornais que nos chamaram *futuristas*. Não há hoje na *Contemporânea* nenhum colaborador que seja *futurista*! Uns porque já o não são, outros porque nunca o foram, outros são precisamente o contrário.» A estupefacção de JP cresce com a análise política que fizeram da publicação: «Houve um jornal que até nos chamou anarquistas! Anarquistas, nós! Valha-os Deus! Foi o título do estudo do Fernando Pessoa, que é como se sabe, o *Banqueiro Anarquista*. (...) É a última palavra do reacionarismo científico! Valha-os Deus!»

Não obstante o desfasamento ainda existente entre o público, a crítica e a revista, a *Contemporânea* **publicar-se-á entre 1922 e 1926**, ainda que sem cumprir a periodicidade mensal que se propunha. O primeiro ano foi o mais

¹ «Diário de Lisboa», nº 367, de 15/06/1922, pág. 5.

regular, registando uma interrupção nos meses de Agosto e Setembro. Em 1923, saíram apenas os números de Janeiro, Fevereiro e Março. No ano seguinte, 1924, sai um número não datado, mas com indicação de «Ano III». Em Março de 1925, é editado um número com formato e grafismo totalmente diferentes, e que traz em cabeçalho a indicação de «1º Suplemento». Através dele, a *Contemporânea* informa os leitores sobre a «doença prolongada de José Pacheco» que tem impedido a saída do «número especial da revista dedicado a Camões» e anuncia para breve o seu reaparecimento, «completamente remodelada». Tal só ocorrerá catorze meses depois, em Maio de 1926: a *Contemporânea* reaparece com a indicação de «3ª série». Nesse ano editar-se-ão mais dois números. Depois a publicação desaparece definitivamente.

De tudo o que já foi referido se podem deduzir os riscos e as dificuldades que a *Contemporânea* enfrentou e que explicam a sua irregularidade e breve existência. Ainda assim, é inquestionável que a revista cumpriu a sua missão «civilizadora», no sentido em que confrontou a elite nacional, os agentes culturais e o público em geral (ainda que indirectamente, através das polémicas que ecoavam pela imprensa) com as propostas artísticas e literárias dos «novos», tornando-se um catálogo dos diversos «ismos» do modernismo. Uma acção complementada com uma programação eclética promovida através da *Contemporânea* e que lhe confere uma dimensão de projecto integrado de renovação cultural, senão do país pelo menos da sua capital.

Em 1923, no número 9, em jeito de balanço ao seu primeiro ano de actividade, a *Contemporânea* contabiliza a realização de: 5 **conferências** sobre arte, música, literatura portuguesa e o escritor russo Fiodor Dostoiewski; 5 **exposições** com Vásquez Díaz, Carlos Porfírio, Eduardo Viana, Teles Machado e Eduardo Malta, respectivamente; 5 **concertos**, três dos quais de Alice e Maria Rey Colaço, em Lisboa, Porto e Coimbra, um do maestro Rui Coelho e outro do barítono De Franceschi, ambos em Lisboa; 1 **Serão de Arte** com Irene Gomes Teixeira, Laura Chaves, Maria Luísa Malheiro Dias, Oliva Guerra, Américo Durão, José Bruges de Oliveira e Mário Alves Pereira; a **fundação** da «Universidade Nova»; além dos três volumes da revista, num total de nove números, contendo «Inéditos de 138 Autores — 47 Hors Texte — 3 Separatas». Esta intensa actividade cultural saldou-se, em Abril de 1923, no louvor público que o ministro da Educação, João Camoezas, mandou publicar no *Diário do Governo*, «por ter prestado relevantes serviços à propaganda e difusão da literatura portuguesa»², que faz a capa do nº 8 da *Contemporânea*.

Na mesma lógica de abertura à Europa e ao modernismo, a *Contemporânea* deu voz aos defensores de uma aproximação entre Portugal e Espanha, sobretudo as que emanavam do movimento Integralista que se guiava por princípios católicos, nacionalistas, anti-liberais e monárquicos. Em 1922, no segundo número da revista, António Sardinha, um dos mentores do **Integralismo Lusitano**, evoca as palavras de Moniz Barreto para esclarecer a aparente contradição e o sonho imperialista que ainda animava as elites peninsulares: «a consciência da força própria suprime desconfiança e temores,

² «Diário do Governo», Lisboa, 2ª série, Lisboa, 11/04/1923.

e a identidade de aspirações e sentimentos cimenta as bases duma aliança em que compartilhamos com a Espanha a hegemonia no Mediterrâneo ocidental e nos dois Oceanos.» Aliança que JP também acarinha através da revista que dirige, onde os autores espanhóis e a língua castelhana estão sempre presentes, ou da fundação de uma Sociedade dos Amigos de Espanha, proposta à Assembleia Geral da Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Maio de 1922, réplica da já existente Sociedade dos Amigos de Portugal, presidida pelo Conde de Romanones.³

As relações entre os dois países manter-se-ão um tema recorrente da *Contemporânea* pela pena de autores como Martinho Nobre de Melo (ministro sidonista), Luís Moita, Eduino de Moura (diplomata cubano em Lisboa), Gomez de la Serna, Garcia Perez, entre outros.

A revista *Contemporânea* é constituída por uma capa em formato de porte fólho (296 x 214 mm), onde estão inseridos, em média, 6 cadernos de 8 páginas (292 x 204 mm) com textos, ilustrações e vinhetas coladas, além de 3 extra-textos com imagens (pintura, desenho, etc.)⁴. Cada caderno apresenta, em regra, duas cores (preto mais uma). É frequente o uso de diferentes tipos de papel no mesmo número. Por exemplo, o primeiro caderno que, na maioria das vezes, assume em cabeçalho a designação de «Jornal» é impresso em papel lustroso, enquanto nos restantes cadernos se faz uso de um papel mais encorpado tipo vergé (onde são visíveis, a contraluz, os averguados do papel) e do tipo velino (sem marca). São também frequentes as mudanças de papel quando o número inclui uma separata. Já para os extra-texto («hors texte») se faz uso de cartolina.

Como era comum na época, a *Contemporânea* estava concebida de forma a ser encadernada: assim o atestam os cadernos autónomos, a numeração contínua e a edição de páginas referenciadas a cada volume (índice do volume, folhas de rosto, etc.).

As características atrás referidas não parecem repercutir-se no preço de venda ao público⁵, embora seja difícil realizar estudos comparativos, quer porque a informação escasseia (o preço não consta em todas as edições), quer porque as revistas são muito diferentes entre si. A revista também é omissa em relação à sua tiragem. No entanto, em alguns números, é referida «uma tiragem especial de quatrocentos e um exemplares numerados e rubricados pela *Contemporânea*, para os Srs. assinantes», o que não deixa de ser um indicador da ordem de grandeza das tiragens praticadas. A edição da revista está, portanto, dependente de financiamentos que nem sempre se concretizariam no tempo necessário para cumprir a periodicidade e regularidade programadas. Corrobora esta ideia, o facto de a *Contemporânea* mudar com alguma frequência de editor. De facto, nos seis primeiros números

³ In «Jornal 1922», da «Contemporânea», nº 3, de Julho de 1922.

⁴ Medidas retiradas da *Contemporânea* nº 4, de Outubro de 1922.

⁵ Em 1915, o preço do número avulso das revistas *Contemporânea*, *Orpheu* e *Águia* é de 200 réis (i.e. 20 centavos), 30 centavos e 60 centavos, respectivamente. Já em 1926, o número avulso da *Contemporânea* é vendido a 10\$00, mais do dobro do número avulso da revista *Ilustração*, cujo preço é de 4\$00.

(1922), a edição é assumida pelo industrial Agostinho Fernandes. Nos três números seguintes (1923) passa para a «Sociedade Edições Contemporânea» e nos anos 1924-25 o editor é o próprio José Pacheco. A 3ª série é da responsabilidade editorial de Gil Vaz.

Refira-se ainda o peso, em todas as edições, da **publicidade**, sobretudo nos nove primeiros números. Ocupa, em média, um caderno, isto é 8 páginas. Publicidade que, em sintonia com os elevados critérios de qualidade que regiam a *Contemporânea*, era objecto de cuidadoso tratamento gráfico e encarada como «um motivo arte» pelo que se recomendava «ao público para «conservar na encadernação as páginas de publicidade», afim do volume se não considerar truncado»⁶.

Do conjunto dos anunciantes destaca-se, pela regularidade, o industrial e editor Agostinho Fernandes e as suas «Bolachas Nacional», que ocupam a contracapa da revista. Este é, aliás, o único anunciante que se mantém na 3ª série.

A *Contemporânea* é composta e impressa na conceituada Imprensa Libânio da Silva, em Lisboa.

De entre os seus inúmeros colaboradores literários e plásticos destacamos: Alfredo Pimenta, Almada Negreiros, Álvaro de Campos, Amadeu Sousa-Cardoso, Antero de Quental, António Botto, António Ferro, António Sardinha, Aquilino Ribeiro, Artur Portela, Bernardo Marques, Camilo Pessanha, Carlos Malheiro Dias, Columbano Bordalo Pinheiro, Dórdio Gomes, Eduardo Viana, Eugénio de Castro, Fernanda de Castro, Hipólito Raposo, Homem Cristo, João Ameal, Jorge Barradas, Leitão de Barros, Maria Amália Vaz de Carvalho, Mário de Sá-Carneiro, Ramalho Ortigão, Reinaldo dos Santos, Ramón Gómez de la Serna, Stuart Carvalhaes, Teixeira de Pascoaes, Teófilo Braga, Virgílio Correia, entre outros

Rita Correia
(11/06/2007)

Nota: Não há total coincidência entre a colecção digitalizada e a ordem dos artigos referida nos sumários (do número e do volume) porque, aquando da encadernação, essa ordem não foi respeitada e/ou alguns números se encontravam truncados ou integraram contribuições de última hora. Refira-se ainda que o «Programa», o «Número Spécimen» e o «1º Suplemento» foram digitalizados a partir da monografia *Pacheco, Almada e «Contemporânea»*, co-editada em 1993, pelo Centro Nacional de Cultura e Bertrand Editora.

Bibliografia: *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d.; *Pacheco, Almada e «Contemporânea»*, s.l., Centro Nacional de Cultura/Bertrand Editora, 1993; PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do*

⁶ Aviso ao Encadernador na *Contemporânea* nº 3, Julho de 1922.

Século XX, Lisboa, Grifo, 1996; ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1985.